



## CONVIDADO

# Competitividade e qualidade da gestão - crescer o bolo antes de o repartir



Luís Rodrigues



*“Temos estado mais concentrados em repartir o bolo exigiu do que cooperarmos”*

No Global Competitiveness Index 2012, apresentado recentemente na AESE – Escola de Direcção e Negócios, Portugal desceu 4 posições para o lugar 49 entre cerca de 140 países. Este “ranking” obtém-se da ponderação de 11 pilares que, entre si, acomodam um total de 111 factores. Cada um destes mereceria uma análise cuidada de todos os agentes locais.

Já muito se disse e escreveu sobre este estudo. Estendo um pouco a análise que me foi pedida durante a apresentação do mesmo, para abordar levemente a qualidade da gestão nacional. É um factor global que não está isolado e medido como tal no estudo. No entanto, este contém vários elementos que, considerados em conjunto, permitem tirar algumas

ilacões. Além disso, é algo que enquanto gestores/técnicos podemos ter capacidade de influência.

Tenhamos em conta que, grosso modo, todos os factores com “ranking” melhor que 49 puxam pela nossa competitividade e com “ranking” pior, são seus inibidores.

Existem alguns parciais à volta da qualidade da gestão, que, estando perto da média, não deslumbram nem assustam. Mas não é assim com a maioria. “Eficácia dos conselhos de administração” (“ranking” 101), “Grau de formação dos quadros” (73), “Grau de sofisticação dos compradores” (67), “Disponibilidade para delegar autoridade” (95) e, particularmente relevante, “Cooperação nas relações empregador-trabalhador” (96).

Concentro-me neste porque ele ilustra um mal nacional, que só recentemente dá sinais de mudar lentamente. Um mal nacional não só no sentido geral, mas também além dos

seus 3 blocos – “Cooperação”, “relações” e “empregador-trabalhador”. Na realidade, será inútil legislar no papel se esta questão não evoluir significativamente. Para ilustrar bem, aparecemos no “ranking” enquadrados pela Líbia e pelo Burkina-Faso. Dá bem ideia da missão que temos pela frente.

Nas relações empregador-trabalhador temos, com honrosas excepções, demasiadas conversas de surdos entre as partes. Discussões carregadas de ideologia, preconceitos e passado em vez de factos, visão e futuro. Dito de outro modo, temos estado mais concentrados em repartir o bolo, exíguo à partida, do que cooperarmos para o fazer crescer para benefício geral. Nos tempos que correm, precisamos muito desta evolução.

Por múltiplas razões que aqui não cabem, deve ser a gestão a dar os primeiros passos. É uma área onde, nas primeiras fases, a forma é tão ou mais

importante que o conteúdo.

Num contexto mais largo, este mal também se dá entre empregadores. Temos um tecido produtivo repleto de microempresas que não se agregam para constituir cavalos de batalha, vencedores nos seus mercados globais, por conta de egos exacerbados, desconfianças sem nexo e falta de visão. Mostrando o caminho, a indústria nacional de calçado tem feito aqui um trabalho extraordinário, conseguindo distinguir onde competir e onde cooperar.

Se pudesse escolher e trocar este “ranking” 96/144 pelo “ranking” 5/144 da qualidade das estradas, nem pestanejava. Poderíamos demorar mais no caminho, mas olharíamos para a frente muito mais confiantes!

Administrador da TAP, orador convidado para a apresentação do Global Competitiveness Report 2012-2013, na AESE – Escola de Direcção e Negócios